

# CON MARCELO VIÑAR: “VIVIR LA VIDA VALE LA PENA... PERO... SERÍA TERRIBLE QUE EL HOMBRE FUERA INMORTAL”

COM MARCELO VIÑAR:  
“VIVER A VIDA VALE A PENA... MAS... SERIA  
TERRÍVEL SE O HOMEM FOSSE IMORTAL”

WITH MARCELO VIÑAR:  
“LIVING LIFE IS WORTH LIVING... BUT... IT WOULD  
BE TERRIBLE IF HUMANS WERE IMMORTAL.”

Jorge Gorriti

Centro de Psicoterapia Psicoanalítica de Lima

ORCID: 0000-0002-8467-2861

Correo electrónico: jgorriti@yahoo.com

Lourdes Schutte

Centro de Psicoterapia Psicoanalítica de Lima

ORCID: 0009-0004-3978-2465

Correo electrónico: schutte1608@gmail.com

Helena Albuquerque

Instituto Sedes Sapientiae

ORCID: 0009-0008-4167-8973

Correo electrónico: hmfreira@ma@gmail.com

Vânia Fabossi Paschotto

Instituto Sedes Sapientiae

ORCID: 0009-0005-9037-7542

Correo electrónico: vaniafabossi@gmail.com

**Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article**

Gorriti J. Schutte L. Albuquerque H. Fabossi Paschotto V. (2023) ENTREVISTA MARCELO VIÑAR:

“VIVIR LA VIDA VALE LA PENA... PERO... SERÍA TERRIBLE QUE EL HOMBRE FUERA INMORTAL”

Intercambio Psicoanalítico 14 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2. 12/

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

# COM MARCELO VIÑAR: ““VIVER A VIDA VALE A PENA... MAS... SERIA TERRÍVEL SE O HOMEM FOSSE IMORTAL”

Jorge Gorriti<sup>1</sup>

Lourdes Schutte<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Jorge Gorriti é licenciado em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Peru, psicoterapeuta psicanalítico formado pelo CPPL; membro do Grupo de Idosos do CPPL. Participante em duas pesquisas coletivas do Departamento de Pesquisa e Publicações do CPPL: “Práticas clínicas durante a pandemia” em 2021 e “O cuidado do analista em formação: a experiência da tutoria em grupo para formandos em psicoterapia psicanalítica” em 2022. Autor dos seguintes artigos: O pensamento paradoxal de Winnicott, publicado na Revista Intercambio Psicoanalítico da FLAPPSIP, Número 1, Volume XI - 2021; e Da morte de Deus à morte do Homem. O Sujeito: constituído ou constituinte?, publicado no Número 6 da Revista de Filosofia Metanoia da Universidade Antonio Ruiz de Montoya, em 2021.

<sup>2</sup> Lourdes Schutte é licenciada em Recursos Humanos. Terapeuta Psicanalítica do CPPL. Membro do Departamento Freud e integrante do Grupo de Idosos do CPPL. Participante na pesquisa coletiva do Departamento de Pesquisa e Publicações do CPPL: “Práticas clínicas durante a pandemia”, 2021.

Esta entrevista foi realizada em 14 de outubro de 2023 no contexto do XII Congresso da FLAPPSIP, que ocorreu em Santiago do Chile em outubro de 2023. Marcelo Viñar, Doutor em Medicina e Psicanalista, nascido em 1937 no Uruguai, possui uma vasta trajetória e foi um dos palestrantes principais do referido Congresso. Embora sua apresentação tenha sido sobre a adolescência, optamos por conversar com ele sobre outra etapa da vida.

A entrevista foi preparada de forma colaborativa pelos membros das equipes de Idosos do Centro de Psicoterapia Psicanalítica de Lima (CPPL) e do Grupo de Trabalho sobre o Envelhecimento do Departamento de Psicanálise – de SEDES.

Jorge Gorriti com Lourdes Schutte pelo CPPL e Helena Albuquerque com Vânia Paschotto por SEDES, participaram do diálogo com o entrevistado.

CPPL: Começamos agradecendo esta oportunidade de diálogo. Ambas instituições têm uma linha de reflexão sobre o idoso e coincidimos em um tema que é recorrente em nossa clínica, nos referimos à aposentadoria, ao momento da aposentadoria. Podemos concebê-lo como um acontecimento crítico no percurso psíquico de nossa vida?

Marcelo Viñar: Bem, poderia tomar 24 horas para dar uma resposta adequada à profundidade da pergunta. Ninguém resolveu ainda o tema da mortalidade, cada um tem sua história, às vezes explícita e outras implícitas, às vezes pertinente, às vezes impertinente. A vida é imprevisível, e eu me pergunto como eu teria me posicionado diante do horizonte da morte aos 10 anos, aos 20, aos 50 ou aos 100. Para abrir o tema desta conversa, vou evocar duas memórias.

Uma está relacionada ao meu pai, que viveu até os oitenta e tantos anos. Quando ele tinha 70 anos, uma amiga lhe fez a mesma pergunta sobre como ele se sentia com a aposentadoria. Ele respondeu mais ou menos o seguinte: que sentia que seus 70 anos eram um momento glorioso, porque ele era um milionário em experiências, um milionário em memórias e evocações. Ou seja, ele transformou a pergunta que o polarizava ou que o colocava em um lugar de dor em um lugar de celebração, de festa.

Helena Albuquerque<sup>1</sup>

Vânia Fabossi Paschotto<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Helena M. F. M. Albuquerque é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, integrante do Grupo de Trabalho sobre o Envelhecimento e do Grupo de Apoio FLAPPSIP. Mestre em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP.

Co-autora dos artigos Ser ou não ser feminista, publicado em São Paulo pelo Instituto Sedes e editora Zagodoni, 2022, e Menopausa em movimento, em Corpos, sexualidades, diversidade, publicado em São Paulo pelo Instituto Sedes: Escuta editora, 2016.

<sup>2</sup> Vânia Fabossi Paschotto é psicanalista, membro do departamento de Psicanálise do Instituto SEDES, e integrante do Grupo de Trabalho sobre Envelhecimento.

Ele disse o que - se formos honestos - diríamos; isto é: que também vale a pena viver a vida. Por quê? Bem, eu não sei. Porque hoje comi um peixe delicioso, por exemplo, coisas tão triviais.

E no extremo oposto, tenho dois netos com quem compartilho tempo. Agora..., vocês viram meu corpo, que está em declínio; tenho que usar aparelhos auditivos e preciso usar uma bengala por causa da artrose no meu joelho; isso me incomoda muito, são doenças que não matam, mas que incomodam e envergonham. Vocês não sabem a vergonha que sinto ao mancar na frente das mulheres bonitas que estão neste Congresso.

E o que eu lhes conto sobre meu corpo eu o estabeleço com a experiência de convivência com meus netos. Tenho um mais velho de 13 anos com quem tudo vai bem, mas observo a rejeição do meu neto mais novo, que tinha dificuldade de se aproximar de mim; ele só conseguiu isso aos seus cinco anos. E eu tenho a percepção de que esse neto tem um pré-conhecimento sobre a morte que é muito precoce. Que da vida e do erotismo positivo e negativo há um pré-conhecimento que as crianças têm muito cedo ou vivenciam isso. E se alguém faz um esforço para conversar com o travesseiro e começa a lembrar, pode evocar que o medo de morrer, ou de ficar sozinho, surge muito cedo e abre capítulos muito diferentes. Claro, isso também dependerá das vivências.

CPPL: Certo, o sentimento daquele que se aposenta dependerá de suas experiências e de um horizonte particular, no qual o transcurso do tempo nos confronta com o declínio e a iminência da morte, o que por si só pode ser doloroso; no entanto, em sua raiz latina, iubilare significa grito de alegria.

Marcelo Viñar: E em espanhol e português é júbilo, jubileu. Bem, é agradável ter um certo tempo; pois antes, estávamos presos ao trabalho, atendendo pacientes, pensando no próximo encontro ou congresso; claro, isso é uma liberação. É uma verdade parcial o que se diz sobre o júbilo. Agora, temos outra liberdade.

Claro, agora é preciso deixar os casos sérios, procurar jovens impetuoso para assumir a responsabilidade. E, se tivermos sorte, esse jovem que recebeu o paciente nos pede supervisão. Não há motivo, mas pode ocorrer até níveis muito mafiosos de causalidade circular. Eu te envio, você me envia.

Mas, a faceta do envelhecimento que você destacou é a do trabalho, a do prazer. Por exemplo, Freud trabalhou até a noite de sua morte, defendendo seu agnosticismo diante de um acadêmico de Oxford, discutindo sobre a existência de Deus. Freud como ateu agnóstico e o professor de Oxford como crente. Enquanto isso, a Inglaterra, simultaneamente, declarava guerra a um Hitler vitorioso, a um Hitler avassalador que estava arrasando tudo.

Ou seja, essa questão de posicionamento nesse momento da vida é muito pessoal: aos 60 anos, eu estava bem; aos 70, estava bem, com minhas capacidades intelectuais intactas, mas agora percebo o declínio, porque ouço mal, perco os nomes próprios: é o declínio das funções vitais, o corpo que vacila; mas varia muito de uma pessoa para outra. Isso também determina que todos os relacionamentos amorosos, conjugais, fraternos, tenham uma gama de diversidade. É diferente quando precisamos olhar para isso a partir do exame individual, da diversidade de cada pessoa, do que quando o fazemos como um problema global da sociedade humana.

Porque são os progressos do século XX e a aceleração das mudanças de riqueza que fazem com que um sistema de aposentadoria se desgaste. Assim, o fundamento teórico dos fundos de aposentadoria em meu país era calculado com base em nove anos de pagamento; ou seja, trinta anos de contribuições e nove anos de pensão, reunindo um capital equivalente aos trinta anos de contribuições. Agora isso mudou; estou recebendo a aposentadoria há pouco mais de vinte anos. Ou seja, eu também me sinto um ladrão desses fundos, cujos recursos foram calculados para as gerações futuras.

E a discussão sobre quanto tempo alguém pode trabalhar plenamente é tão diversa. Um cirurgião oftalmológico, ou um cirurgião em geral, tem que se aposentar compulsoriamente. Eu tenho que decidir cada vez, se vem um jovem psicólogo, um jovem antropólogo, um jovem médico pedir uma análise de formação (não gosto do termo didático), vem com o sintoma de que quer ser psicanalista, como uma colega dizia, eu digo que não posso aceitar. Que não posso aceitar porque isso, um compromisso analítico, implica um compromisso com o compatriota, com o cidadão, até que passem tantos anos.

Como dizia um mestre, a quem convidei para falar em um congresso: "Mas você está convidando um homem de noventa anos!". E isso foi exatamente o que eu disse agora para Marcela [Ramírez], minha xará, quando ela me falou há seis, oito meses, para vir a este Congresso. Eu disse a ela, porque ela viu minha identidade e sabia minha idade: "Mas você está correndo o risco de que, quando o evento acontecer, eu já não esteja mais aqui".

Essa proximidade com a morte - ou será que estou mentindo para mim mesmo? -, não me assusta, apesar de eu não acreditar na vida pós-morte.

SEDES: Quero fazer uma pergunta sobre a questão do tempo. Você diz que a experiência vivencial do tempo na adolescência está muito transformada, e a experiência vivencial do tempo na aposentadoria também se modifica muito, não é? Com a perspectiva da morte...

Marcelo Viñar: Exatamente, exatamente. O que me assusta é a limitação dos recursos para prolongar adequadamente a sobrevida. E o furor curandis também é um agravante desse medo da morte. É diferente morrer em um ataque de 24 horas do que ir se deteriorando lentamente em um câncer com fases difíceis. Os acordos sobre a eutanásia são complicados. Os métodos paliativos existem, mas não são suficientes, e é preciso recorrer à ilegalidade, é preciso colocar em risco o direito de morrer com dignidade.

Não sou o único que pensa assim, metade da população pensa, mas também veem como ali surge o funil de muitos abusos, de muitas psicopatias, que podem acelerar uma morte para se aproveitar dos bens.

No sei o que mais dizer.

CPPL: Há algo que é certo, e é que na nossa área, os psicoterapeutas geralmente continuam ativos após os 60, 65, 70 anos; ao contrário de outras profissões em que as pessoas geralmente estão se aposentando aos 60, 65 anos. Como nos conectamos com nossos pacientes que estão passando por esse processo de declínio, muitas vezes tendo quase a mesma idade que nós?

Marcelo Viñar: Muitas vezes... bem, parece-me que em todas as idades e especialmente na velhice, a coincidência de idades nos obriga a estudar ansiedades comuns. É como nadar. Para nadar, é preciso calcular que a capacidade de nadar aos 30 é diferente da capacidade aos 40, ou aos 50. E é preciso entrar juntos em uma piscina onde você tenha certeza de que vai chegar até o outro lado.

Mas acredito que devemos considerar a necessidade de abordar os temas comuns, os assuntos que afetam tanto o terapeuta quanto o paciente. É diferente viver em uma ditadura do que em uma democracia. É diferente ser de classe média do que ser de classe pobre, ultra pobre ou ultra rico. Em outras palavras, esse momento de coincidência de idade é uma simplificação de várias facetas, de vários caracteres que nos afetam igualmente. Assim, o risco de ter câncer nos afeta a ambos. Podemos traçar previsões, mas individualmente considerado, cada um é uma unidade em uma curva de Gauss, de distribuição.

Toda mulher tem risco de câncer de mama, todos nós temos risco de câncer de pele, câncer de bexiga ou câncer de próstata, que são os cânceres menos tratáveis ou menos adequadamente tratáveis. Mas é aí que o direito à vontade antecipada deve prevalecer. A discussão se torna abstrata quando se pergunta a quem cabe conceder a vida. Os crentes dizem que é Deus; os agnósticos - ou talvez possamos ser deístas - acreditamos que cada um decide por si mesmo, que não sabemos, que a vida é incrível e não sabemos como foi criada, e que é uma prepotência mágica pensar que podemos saber, a longo prazo, os efeitos de sermos mortais como um mandato divino.

Eu estou pronto para ir embora. Estou mais preocupado com o luto dos meus filhos e netos; porque eu sempre penso que na vida a primeira unidade é o relacionamento familiar; é a minha história. Minha história é a preocupação de uma família que se desdobra em cinco gerações, duas em direção aos antepassados e outras duas em direção à descendência; o indivíduo está no centro delas. O filho é reconhecido e o neto é reconhecido. Já do bisavô se sabe muito menos. Acredito que nessas cinco gerações se joga a sequela identificatória do diálogo interior.

E são as identificações dessa família, mas também as do núcleo psicosocial, o da família de adoção: como nos dói a morte dos amigos queridos, muitas vezes mais do que a dos irmãos de sangue, coisa que é desagradável de dizer, mas que acontece; porque os afetos...

CPPL: Dor, luto... A aposentadoria é luto, dor? Eu estava pensando no sentimento de término, de perda. Aquele momento em que as pessoas de repente passam de um estado ativo em um ambiente de trabalho onde são reconhecidas, apreciadas, para deixar para trás todos esses espaços que alimentavam seu narcisismo.

Marcelo Viñar: Eu aprendi isso de um grande autor que dizia: "A tristeza não tem fim, as felicidades sim". Os tempos pelos quais medimos a dor são muito mais tangíveis do que os vividos na alegria, que sempre é passageira. O equilíbrio entre o otimismo e o masoquismo é um pêndulo irregular. Estamos sempre perto do medo de perder a felicidade. E não de aproveitá-la.

Então, digamos, não é tanto alegria, embora possa ser, como é aposentadoria, paralisação, descanso; ser aposentado é depender, digamos, de uma pensão à qual se tem direito. Mas se a vida se prolonga, de repente começa a se sentir que, como eu disse, está tirando dinheiro de alguém.

E também surgem patologias. No final, investe-se mais na saúde dos idosos do que na saúde das crianças. A complexidade da medicina durante o século XX prolongou a vida, a média de vida, ampliou a previsão de sobrevida, como é que se chama?... bem, não me lembro... ah, a expectativa de vida! Agora, estamos nos aproximando do próximo século. Se não forem tomadas medidas, isso vai causar problemas, devido ao custo para a população que chega a essa idade. Sabemos que se gasta mais no último ano de vida do que nos anos anteriores. Normalmente, alguém pode passar toda a vida lidando com doenças triviais. Por isso, nos chocou terrivelmente o caso da COVID-19, que não foi trivial, enquanto na Idade Média a peste negra, a cólera, levavam metade da humanidade viva. A adoção da perspectiva, de qual ângulo estamos observando o envelhecimento, é muito diversa.

Antigamente, aceitar a morte era um ritual: o doente na cama e as despedidas, isso é como um luto antecipado de despedida; rapidamente, virava-se a página. E como diz Borges: "eu vou morrer no dia em que o último humano me chamar pelo meu nome".

SEDES: Essa é a perspectiva moderna de encarar a morte como um fracasso e não como algo inevitável?

Marcelo Viñar: Exatamente.

CPPL: E como você mencionou, Marcelo, é a satisfação de estar neste encontro, palestrando, concedendo entrevistas, podendo continuar compartilhando seus pensamentos, que não se esgotam, que permanecem ativos, relevantes...

Marcelo Viñar: Nem tanto. Já me aconteceu de sentir muita vergonha ao pensar que o mundo que estamos deixando para nossos filhos e netos é pior do que o mundo que nós desfrutamos. Estamos enfrentando três guerras simultâneas: a da Ucrânia com a Rússia, a dos armênios e a dos judeus com os palestinos. Sinto o alarme de que a qualidade de vida está piorando; o deterioro do planeta, a mudança de um planeta holomórfico, com diferentes facetas conectadas, com uma que só vê a lucratividade como norte.

Eu sinto isso toda vez que entro em um avião. É louco o progresso da aviação; colocar duzentas pessoas a dez mil metros de altura muitas vezes todos os dias, é progresso ou é loucura? Bem, talvez nósせjamos loucos. Há 50 anos, ir para a Europa era uma ou duas vezes na vida e para os mais ricos, agora é diferente; a loucura da cultura consumista muda os códigos do envelhecimento.

CPPL: Tem alguma coisa que você gostaria de adicionar e que nós não perguntamos?

Marcelo Viñar: Que seria terrível se o homem fosse imortal; porque ainda assim teríamos que procurar coisas que não foram procuradas. Por exemplo, eu tenho uma casa confortável, filhos e netos, e alguns pacientes que complementam minha aposentadoria; mas isso pode fazer com que eu esqueça, por exemplo, que o ACNUR considera que existem cem milhões de refugiados que não têm onde morar.

E isso não é amanhã, é hoje, ou foi desde ontem, e continua crescendo. Isso ocorre porque será difícil renunciar ao que a modernidade trouxe; trouxe muitas coisas boas, a revolução industrial, o motor a vapor, a eletricidade... Vivemos em um mundo diferente do mundo dos nossos antepassados; antes, as cabanas não tinham televisão, agora têm, então o supérfluo está saturado.

E o que fazer para tomar medidas para frear o crescimento demográfico do planeta? Os chineses tentaram, autorizando um ou dois filhos por família. Agora, por razões militares, permitiram que se expandissem para mais filhos. Mas o crescimento demográfico e o dano ao planeta, não são apenas maldades, como o desmatamento da Amazônia e outras formas de destruição, são problemas a serem enfrentados, mas continuamos fabricando carros, e eu não acredito que o carro elétrico resolva o problema. Recentemente, o Uruguai esteve prestes a ficar sem água; choveu por sorte quando a expectativa era terrível; sem água para beber, sem água para tomar banho, para regar o jardim, a reserva de água secou.

CPPL: Temos muitas outras perguntas, mas achamos melhor parar por aqui.

Marcelo Viñar: De qualquer forma vamos nos ver no Congresso e podemos continuar conversando.

CPPL e SEDES: Muito obrigado, Marcelo. Foi um prazer e um privilégio conversar com você.